

# Assistindo a Geografia - O Uso de Filmes como Recurso Didático para o Ensino Geográfico

## Watching Geography – Using Film as a Teaching Resource For Geographic Education

Heder Rocha \*

João Carlos Montovani \*\*

Marlene Chagas da Costa \*\*

### Resumo:

A questão central que guia esse artigo se constrói no sentido de compreender como o uso de filmes é utilizado como recurso didático por professores de Geografia do Ensino Fundamental II, nas escolas públicas da cidade de Bandeirantes PR. Tal questão está dividida em três eixos que estruturam o próprio artigo: a) O ensino de Geografia e o uso de filmes como recursos didáticos; b) O perfil dos professores de Geografia no Ensino Fundamental II da cidade de Bandeirantes; c) O uso de filmes como recurso didático pelos professores de Geografia na cidade de Bandeirantes. Foi aplicado um questionário fechado semiestruturado para os professores participantes e depois disso as respostas foram tabuladas e organizadas em gráficos. Concluiu-se que a maior parte dos participantes acredita que o uso de filmes pode ser satisfatório para o ensino de Geografia e costumam usa-los, com algumas ressalvas, em suas aulas.

\* Doutorando em Geografia na Universidad Nacional de La Plata (Argentina)

\*\* Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

### Abstract:

The central question that guides this article is constructed in order to understand how the use of film is used as a teaching resource for Geography teachers of elementary school II, in public schools in Bandeirantes city - state of Paraná. This question is divided into three sub-questions that structure the article itself: a) The teaching of Geography and the use of films as teaching resources; b) The profile of the Geography teachers in Secondary School in the city of Bandeirantes; c) The use of film as a teaching resource for geography teachers in the city of Bandeirantes. We applied a semistructured questionnaire closed for the participating teachers and after that the responses were tabulated and organized into graphs. It was concluded that most of the participants believe that the use of films can be satisfying for the teaching of geography and are often used them, with some exceptions, in their classes.

### Palavras-chave:

Filmes,  
Recursos Didáticos,  
Ensino de Geografia

### Key-Words:

Movies,  
Teaching Resources,  
Geography Teaching

## INTRODUÇÃO

Um filme tem a capacidade de despertar em seu espectador emoções e sensações, fazem rir ou chorar, cria fantasias ou retrata a realidade. Além de entretenimento, os filmes surgem como expressão cultural a partir do cinema e foram adotados como ferramenta didática pelas mais diversas instituições de ensino no mundo, como sugere Napolitano (2013). Assim, realizamos esse trabalho no sentido de responder ao seguinte questionamento central: Como os filmes são utilizados como recurso didático por professores de Geografia do Ensino Fundamental II nas escolas públicas da cidade de Bandeirantes PR?

A metodologia utilizada foi dividida em duas etapas, na primeira a aplicação de um questionário semiestruturado com perguntas fechadas e abertas para todos os doze professores atuantes no Ensino Fundamental II de colégios públicos do município de Bandeirantes. Contudo, dez deles se propuseram a participar. A segunda etapa envolveu a tabulação dos dados e organização dos gráficos.

O artigo segue organizado em três partes. A primeira, mais teórica, está relacionada ao seguinte questionamento: qual a relação entre o uso de filmes e o ensino de Geografia? A segunda parte apresenta um breve perfil social dos professores de Geografia que atuam no Ensino Fundamental II da cidade de Bandeirantes e destaca quais os principais recursos didáticos utilizados em suas aulas. Por fim, a terceira parte, demonstra como os filmes são utilizados pelos professores envolvidos na pesquisa e aponta as principais dificuldades em relação a sua utilização.

### 1. O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DE FILMES COMO RECURSOS DIDÁTICOS

Muitos professores de diferentes disciplinas, entre elas a Geografia, se deparam, no transcorrer de suas carreiras, com um grande desafio: o de despertar a atenção e o interesse do aluno pelo assunto trabalhado. A aula expositiva, muito difundida no ambiente escolar, muitas vezes é a técnica mais utilizada no processo de ensino. Nesse sentido, a presença e postura do professor são fundamentais, porém quando se elege o sempre os mesmos recursos, tais como - o livro didático e a lousa, as aulas tendem a parecer repetitivas para o aluno.

O método tradicionalista de ensino que prima pelo modelo vertical, onde o professor é o detentor do conhecimento e o estudante mero receptor de saberes

pré-estabelecidos, vem sendo substituído por muitos educadores ao incrementar suas aulas com metodologias onde os alunos são convidados e incentivados a participar do processo de desenvolvimento do saber, pois é do conhecimento dos profissionais da educação, que seus métodos de ensino precisam ser constantemente repensados e adequados à necessidade do aluno.

A Geografia durante muito tempo foi estigmatizada como uma disciplina puramente teórica, baseada, quase sempre, na memorização de elementos geográficos, causando certo desinteresse no educando. Em relação a esse problema, Neto e Barboza (2010), nos lembram de que a Geografia deve ser uma disciplina de caráter estratégico, onde a aprendizagem precisa ser fundamentada considerando a realidade vivenciada no cotidiano, de onde devem surgir questionamentos que levem o professor a realizar adequadamente as explanações dentro da sala de aula. Os mesmos nos ressaltam que “na atualidade, a ocorrência de dificuldades está relacionada à maneira como são conduzidas as didáticas e metodologias utilizadas na Geografia escolar” (NETO e BARBOSA, 2010, p.4).

Santos (2012) salienta que reconhecer a importância das diversas linguagens que constroem o mundo das informações é o primeiro passo para que o educador contribua com uma formação significativa, permitindo aos alunos autonomia e condições a fim de transformar a sua realidade. Assim, uma das preocupações do professor de Geografia é pensar sobre as práticas pedagógicas que devem ser adotadas e como fazer com que a abordagem de temas tão variados e complexos, comum à Geografia, seja estimulante e interessante.

O conhecimento é formado e reformado constantemente. A partir do momento em que um indivíduo é inserido no meio social, ele inicia o processo de formação do seu conhecimento através da percepção, enquanto vai interpretando, experimentando e entendendo o ambiente que o rodeia. Assim, a produção do conhecimento pode ocorrer também de forma indireta, Silva e Junckes (2009, p. 14), por exemplo, exemplificam citando o fato de que “muitos brasileiros não conhecem a neve, mas a viram em filmes e ao ouvir a palavra neve (conceito) produzem uma imagem que esse conceito comunica, como flocos gelados e brancos que ocorrem no frio”.

Fresquet (2013) argumenta que a escola não deve ser pensada apenas como transmissora ou reprodutora de um saber simplista. Segundo a autora, uma instituição de ensino fundamentada nessa forma causa prejuízo ao

aluno, que passa a construir o seu conhecimento moldado na tradução do conceito. Escolas nesse formato precisariam “urgentemente se repensar e inventar novos modos de colocar os aprendentes em contato com o mundo, para provocar movimentos de apropriação, desvendamento e criação” (Fresquet, 2013, p.22). Para suprir o desafio de desempenhar o seu papel, a escola precisa buscar recursos didáticos que auxiliem no processo de construção e não apenas reprodução do conhecimento.

Um desses recursos didáticos é a utilização de obras cinematográficas no espaço escolar. Napolitano (2013) argumenta que apesar do cinema ser uma linguagem centenária, ele passou a ser utilizado muito recentemente nas escolas, “o que não significa que o cinema não foi pensado, desde os seus primórdios, como elemento educativo, sobretudo em relação às massas trabalhadoras” (Napolitano, 2013, p.13). Nesse sentido ainda, Almeida (2001) sugere que a utilização do cinema na educação é importante, pois possibilita à escola tornar-se “participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já direcionados e defasados” (Almeida, 2001, p.48).

A utilização do cinema na sala de aula pode ser inserida num grande campo de atuação pedagógica chamado por Belloni (2001) como ‘mídia-educação’. Apesar de esse conceito estar relacionado aos chamados ‘meios de comunicação de massa’, ele surge como uma forma de mídia moderna, pensada e produzida para, cada vez mais, um espectador formado a partir das ‘TICs’. Assim, o uso de filmes associado ao ensino de Geografia, cujo objeto de estudo é o espaço geográfico, pode oferecer elementos para a compreensão de uma realidade mais ampla e de interpretação mais global dos fenômenos em relação àqueles que atuam localmente, como destaca Oliveira (2011).

Callai (2009) sugere que o espaço geográfico pode ser analisado em sua estrutura e em sua formação. Segundo a autora, porém, em muitos casos, o ensino de Geografia fica restrito ao estudo do presente, ou melhor, da organização espacial atual, em detrimento de uma compreensão que passa pela historicidade da formação espacial. Essa autora alerta para compreender a trajetória de construção do espaço geográfico é preciso focar nas relações entre os fenômenos e procurar as justificativas daquilo que não é aparente na paisagem.

Pensar na formação do espaço geográfico a partir da historicidade pode revelar como salienta Castrogio-

vanni (2009), as práticas sociais dos diferentes grupos que produzem o próprio espaço geográfico. Nesse sentido, é no espaço geográfico que é e está representada toda uma diversidade cultural que não pode ser ignorada. Esse conceito de espaço vai de encontro com o campo do saber geográfico conhecido como Geografia Cultural e que segundo Claval (2001), nasce com o intuito de compreender de que maneira a vida dos indivíduos e dos grupos se organizam no espaço.

A Geografia, assim como qualquer ciência passou por mudanças de perspectivas ao longo de sua história. Tais mudanças geram novos campos do saber geográfico que produzem novas interpretações sobre a realidade geográfica, o que é um reflexo de constantes pesquisas e introdução de novos conceitos, descobertas e tensionamentos dentro da própria construção do saber. Assim, Silva e Junckes (2009) apontam que é a partir da corrente da chamada Nova Geografia Cultural que surgem algumas perspectivas inovadoras como a Geografia Feminista, a Geografia Humanística, as Geografias não representacionais, entre outras. Dessa forma, novos elementos que antes ficavam à margem do conhecimento geográfico, passam a ser considerados e estudados pela Geografia.

A Nova Geografia Cultural não está interessada em apenas descrever o mundo, seu objetivo maior é entender como os grupos sociais modelam e desenham as paisagens. Para Correia e Rosendahl (2004), a paisagem cultural é caracterizada pelas obras humanas, ou seja, pelas marcas humanas na paisagem natural, porém essa também exerce influência no homem e consequentemente em sua cultura em um movimento de duplo sentido. Diante disto os autores advertem:

A paisagem é uma marca, pois, expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, de cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação da sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 85).

A partir da década de 1970 a Nova Geografia Cultural passa cada vez mais a integrar temáticas humanas mais específicas, como por exemplo: a das mulheres, dos índios, dos negros, de grupos religiosos, de gêneros sexuais, de populações marginais, dentre outras. Toda essa diversidade racial, cultural, paisagística, temporal e social pode ser encontrada nos roteiros de muitos filmes co-

merciais ou documentários, que utilizam essas realidades como tema principal ou plano de fundo para suas histórias. Assim, o professor pode utilizar as obras cinematográficas para abordar temas característicos ou transversais à Geografia.

Santos (2012) salienta que reconhecer a importância das diversas linguagens que constroem o mundo das informações é o primeiro passo para que o educador contribua com uma formação significativa que permita aos alunos autonomia e condições a fim de transformar a sua realidade. Uma das preocupações do professor de Geografia é pensar quais práticas pedagógicas devem ser adotadas e como alterá-las de modo que a abordagem de temas tão variados e complexos seja estimulante e interessante.

Segundo Napolitano (2013), ao usar o cinema nas aulas de Geografia, o mesmo se torna um interessante recurso, que ajudará o aluno no acréscimo de diversas habilidades. Entre elas o desenvolvimento da capacidade crítica e sociocultural. Nesse sentido, o uso do cinema pode auxiliar na compreensão de culturas exóticas e lugares distantes, bem como a sociedade e costumes locais, vivenciados pelos alunos, pois muitos filmes se inspiram na realidade para realizar sua ficção, mas um grande erro seria aceitar a representação cinematográfica sem questionamentos e análise crítica. Napolitano (2013) alerta, porém, para o que seria uma grande armadilha ao consumir as representações ideológicas ‘dos outros’ sem fazer uma crítica séria e simplificar culturas e espacialidades únicas e complexas.

Nesse sentido, Barbosa (2011) recorre à ideia de ‘filtros’ para uma leitura crítica das imagens cinematográficas, a partir de um ponto de vista geográfico, destacando “a autenticidade das paisagens apresentadas; o etnocentrismo e os arquétipos de figuração e a subjetividade do autor na narração e na escolha dos enquadramentos do espaço representado” (Barbosa, 2001, p.117). O autor chama atenção a esses cuidados para que não haja equívocos no uso de determinados filmes nas aulas de Geografia, principalmente se o objetivo do professor seja ilustrar o tempo histórico cultural descrito e a paisagem apresentada na película.

Para exemplificar o primeiro filtro, Barbosa (2001) comenta que em diversos filmes de gênero bang-bang, onde a paisagem do Oeste dos Estados Unidos da América (EUA) surge como uma ‘paisagem tipo’. O que importa para o cineasta é apenas representar os símbolos

do passado e da identidade da nação americana, por isso, nessa concepção, não interessa se a locação está no Sul, Norte ou Nordeste desse país, ou como alerta: “até mesmo o Sul da Espanha, é tomado para refazer a magia do Oeste” (Barbosa, 2011, p. 118). Já a respeito do segundo filtro (o etnocentrismo), o autor nos lembra de que em muitos filmes e documentários, diversas sociedades são retratadas através de uma leitura diminutiva e preconceituosa. Um exemplo bem comum está nos filmes de ficção que tem a África como um cenário ou tema. Em muitas dessas obras, sempre existe um herói (geralmente ocidental americano) que carrega seus costumes, pensamentos e noções de justiça a um ambiente selvagem, misterioso e hostil que precisa ser domado.

Barbosa (2011), também destaca os tipos de narração e enquadramento do espaço representado em favor da subjetividade do autor. Podemos observar isso nos filmes hollywoodianos, ao passar a mensagem de superioridade do estilo de vida americano. Os planos e enquadramentos, alto/baixo e vertical/horizontal, são usados para criar significados; destaque para a bandeira dos EUA, vista muitas vezes em filmes, desfraldando ao vento sob uma perspectiva que busca exalta-la. O autor cita o exemplo dos arranha-céus. A grandiosidade deles pode ser vista de qualquer ponto do horizonte, eles são caricaturas do poder do capital na sociedade moderna; a altura dos edifícios e a superfície (alto e baixo) também servem para representar noções de bom e mau, afinal de contas, “os grandes edifícios são lugares do imprevisível. Tudo está lá. Paixões e crimes; encontros e desencontros amorosos; perseguições e fugas” (Barbosa, 2011, p. 118).

Assim, é evidente que ao se trabalhar com filmes nas aulas de geografia, além de todo cuidado e planejamento, o professor precisa ter um senso crítico capaz de diagnosticar qualquer irregularidade na obra e fazer uma leitura crítica dela. Isso não diminui a potencialidade dos filmes de serem aliados ao ensino geográfico como recurso didático, contudo, vai depender da forma que o professor deseja trabalhar com o cinema e a atribuição que ele deseja empregar a esse material midiático em suas aulas.

## 2. O PERFIL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE BANDEIRANTES, PARANÁ.

Para realizar essa pesquisa distribuímos um ques-

tionário contendo perguntas fechadas, mas com espaço para comentários e justificativas. Aplicamos a pesquisa aos professores de Geografia do Ensino Fundamental II Regular, em todas as escolas públicas urbanas da cidade de Bandeirantes PR. Os questionários foram entregues aos 10 professores que atuam nos Colégios: Bela Vista, Cecília Meireles, Huberto Teixeira, Mailon Medeiros, Nóbrega da Cunha e Juvenal Mesquita. Desses, 10 participaram, respondendo o questionário. Eles serão identificados por ordem numérica de 1 a 10.

Com relação à idade dos professores, 30% estão na faixa dos 26 a 35 anos e 70% possuem mais de 45 anos de idade, sendo que 60% se declararam como mulheres e 40% como homens. Quando cruzamos os dados em relação à faixa etária com a escolaridade, temos um resultado que demonstra o interesse em se atualizar por parte dos professores, pois 100% são formados em licenciaturas de Geografia e 70% possui algum tipo de especialização em Geografia. Tal fenômeno pode estar relacionado com os planos de ascensão de carreira e uma busca por maior ganho salarial, porém, este não é o tema central dessa investigação. Quando questionados a respeito da quantidade de tempo que lecionavam a disciplina de Geografia, 100% dos professores lecionam a mais de seis anos, conforme a Figura 1.

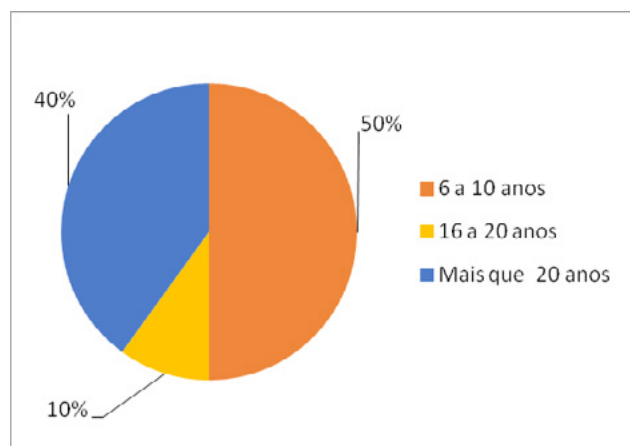


Figura 1. Gráfico correspondente à quantidade de tempo que os participantes lecionam Geografia  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Já na Figura 2 podemos ver que alguns desses professores, além de lecionarem no Ensino Fundamental II, também lecionam em outras modalidades, como o Ensino Médio, por exemplo, e mesmo os atuantes apenas no Ensino Fundamental II podem não lecionar em todas as séries dessa modalidade. Tal quadro demonstra como a prática desses profissionais é fluente em relação à fixa-

ção com determinado ciclo educacional.

Esses professores cobrem uma grande parte dos profissionais que trabalham no Ensino Fundamental II na cidade de Bandeirantes, pois, atualmente, a área urbana da cidade apresenta seis colégios públicos e quatro privados que oferecem tal ciclo de ensino. Dos 10 professores participantes, 08 (18%) lecionam na 6ª série do Ensino Fundamental II; 08 (18%) também lecionam na 7ª série do Ensino Fundamental II; 07 (16%) atuam 8ª série do Ensino Fundamental II e 08 (18%) lecionam na 9ª série do Ensino Fundamental II. Desses, alguns também dão aula no Ensino Médio, sendo 04 (09%) no 1º ano, 04 (09%) no 2º ano e 05 (12%) no 3º ano dessa modalidade e todos atuam em mais de uma escola pública, sendo que 20% também lecionam em instituições privadas.

Diante das muitas possibilidades de recursos didáticos mediadores, procuramos saber dos professores de Geografia participantes da pesquisa, quais ferramentas e recursos didáticos (com exceção dos filmes que são trabalhados na próxima seção do texto), eles costumam usar em suas aulas. Para isso elaboramos uma questão com algumas opções, dentre elas: livros, mapas, maquetes, filmes, jornais, músicas, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e uma opção destacada como "outras", com espaço para complementação. Podemos observar o resultado na figura 3.

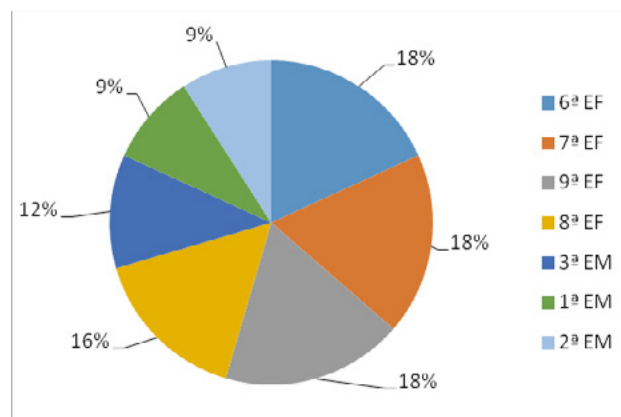


Figura 2. Gráfico correspondente às séries em que os professores participantes lecionam  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Os professores de Geografia do Ensino Fundamental II de escolas públicas da cidade de Bandeirantes fazem uma utilização bastante diversificada dos recursos didáticos. Dentre essa diversidade, surgem dois eixos de principais recursos didáticos utilizados, se destacando dois deles. Os mapas e a cartografia constituem-se como

o principal eixo (30%), pois a cartografia é um campo do saber dentro da própria Geografia e uma das principais ferramentas dos geógrafos. Já o segundo eixo de recursos didáticos mais utilizados pelos professores entrevistados é constituído pela utilização de figuras e imagens (14%), das TIC's (14%) e de livros (14%). Uma imagem pode representar acontecimentos históricos e ser usada, por exemplo, para retratar a realidade local, se tornando uma interessante ferramenta para o estudo, compreensão e até mesmo ressignificação do espaço geográfico. Tal mudança de significado pode acontecer em relação, também, ao uso de tecnologias. Nesse contexto, as TIC's podem ser utilizadas como uma fonte de busca, estudo e investigação, ao invés de apenas entretenimento e/ou comunicação via redes sociais.

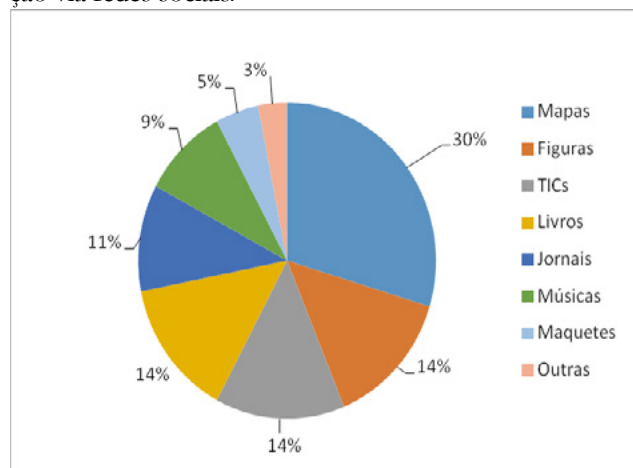


Figura 3. Gráfico correspondente a pergunta: “que recursos didáticos você já usou ou costuma usar em suas aulas de Geografia?”  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Dependendo do conteúdo e dos objetivos que se pretendem alcançar, o educador pode munir-se de um ou mais recursos didáticos, como por exemplo, o uso de jornais impressos (11%) que trazem os temas atuais de sua cidade a partir da leitura dos mecanismos midiáticos. A utilização destes recursos possibilita, de um lado, “a exploração dos conceitos e conteúdo da disciplina de Geografia, num processo de ensino – aprendizagem dialogada...” (SOUSA, 2012, p. 68), porém, de outro, devem ser utilizados com uma postura de crítica aos fatos reproduzidos pelos mecanismos de comunicação. Nesse sentido, as músicas (9%) também fazem parte do leque de recursos didáticos utilizados para as aulas de Geografia, que como elementos produzidos culturalmente, podem trazer em seu conteúdo, elementos importantes para problematizar as relações sociais de produção do espaço

geográfico em um contexto cultural e histórico.

A construção de maquetes (5%), por fim, é um recurso didático que surge de maneira marginal para os professores entrevistados. Contudo, durante o processo de produção de uma maquete o aluno pode ter contato com elementos geográficos importantes e principalmente com as noções de escala. Essa atividade também desperta a criatividade e o trabalho em equipe e como salienta Lopes (2012, p.79), “muitas vezes é possível tirar grande proveito durante esse processo construtivo da maquete, como oportunidade de aprendizagem de muitos conceitos geográficos, técnicas, cooperativismo, criatividade, etc., num trabalho que pode ser prazeroso e instrutivo ao mesmo tempo”.

### 3. O USO DE FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PELOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA CIDADE DE BANDEIRANTES.

Essa seção busca apresentar como os filmes são utilizados como recurso didático pelos sujeitos dessa pesquisa. Assim, queríamos saber se grupo de professores de Geografia do Ensino Fundamental II atuantes nas escolas públicas da área urbana da cidade de Bandeirantes PR, costumavam usar os filmes como auxílio em suas aulas. Os resultados desta questão aparecem retratados na figura 4.

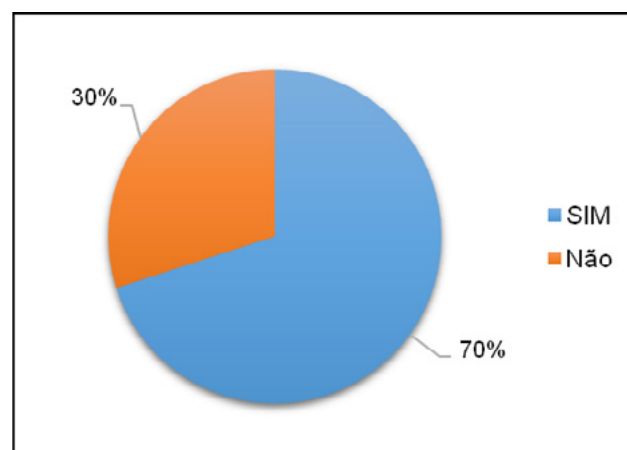


Figura 04. Gráfico correspondente a questão: “Já usou filmes em suas aulas de Geografia no ensino Fundamental II?”  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Ao responderem a pergunta, descobrimos que, dos 10 professores participantes a maioria já usou filmes em suas aulas de Geografia. Mas essa pergunta continha

a opção que possibilitava ao educador justificar a sua afirmação respondendo a seguinte indagação: “Se sim, o que te incentivou a usar o filme durante a aula?”. Dos participantes, oito responderam da seguinte maneira:

Professor 1 - “Para melhor ilustrar e fixar os conteúdos desenvolvidos”.

Professor 2 - “Filme contribui para que o aluno conheça o conteúdo visto em sala de aula em outro contexto. Consegue visualizar imagens, conhecer histórias de forma que contribua para o aprendizado”.

Professor 3 - “O filme serve como complemento para o conteúdo proposto”.

Professor 4 - “A relação com o conteúdo trabalhado em sala”.

Professor 5 - “Complementação do conteúdo. Deixando claro que trabalho com fragmentos e sempre casado com o conteúdo”.

Professor 7 - “Para que os alunos conheçam mais o conteúdo trabalhado”.

Professor 8 - “Para enriquecer o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula”.

Fica evidente a preocupação que os professores dispõem no sentido de fazer com que o filme tenha relação com o ‘conteúdo’ da disciplina e não seja utilizado apenas de maneira desprendida/solta. é bem aceito pelos professores que responderam de maneira afirmativa à questão, principalmente para ilustrar o que foi ou está sendo trabalhado. Os filmes foram descritos também como complementadores e enriquecedores dos conteúdos abordados nas aulas. E um professor justificou a não utilização desse recurso didático, da seguinte maneira:

Professor 10 - “Porque não; atualmente os alunos não veem interesse nesse tipo de material didático; na maioria das vezes não entendem a projeção”.

Possivelmente o desinteresse que esses e outros professores observam em seus alunos esteja relacionado ao manejo e escolha dos filmes por parte dos próprios professores. Segundo Napolitano (2013), ao usar o cinema no Ensino Fundamental II, com alunos na faixa-etária dos 11 aos 14 anos, o educador precisa estar ciente da capacidade intelectual e cultural dos mesmos, para saber como e qual filme aplicar a esses estudantes. Pois, como aponta o autor, nessa faixa etária é natural começar a surgir certas formas de competições e agressividade, onde muitos desses alunos podem não estar aptos a desenvolver conceitos formais e se apresentam inquietos e curiosos. O aluno pré-adolescente começa observar e busca

entender o mundo e suas regras de funcionamento, surge o interesse por outros tipos de sociedades e culturas, inclusive as civilizações antigas, também há o interesse pelo novo e as tecnologias.

A questão é que as divisões dos alunos por faixa etária nos níveis escolares, como o Fundamental II, por exemplo, são indicativas e podem não corresponder a uma linearidade. Muitas vezes um pré-adolescente do 6º ano apresentar características mais infantis e um aluno do 9º ano adotando uma postura característica de um adolescente do Ensino Médio. Nesse sentido, questionamos quais as principais dificuldades na hora de se trabalhar com o cinema em suas aulas. Pensando nisso, formulamos uma questão oferecendo algumas alternativas e deixando um espaço para que os participantes citassem outras dificuldades ou justificassem suas respostas (figura 5).

Os professores tinham a liberdade de marcar mais de uma opção para esse questionamento que aponta três eixos de respostas. No primeiro, os professores que declaram não ter dificuldades em utilizar os filmes como recurso didático em sala de aula. No segundo temos a falta de interesse dos alunos e a dificuldade dos próprios professores em encontrar filmes adequados. Já no terceiro, surge a falta de tempo por parte dos professores em programar esse tipo de atividade e as dificuldades técnicas das escolas, em relação a um local e equipamento apropriado para esse tipo de atividade.

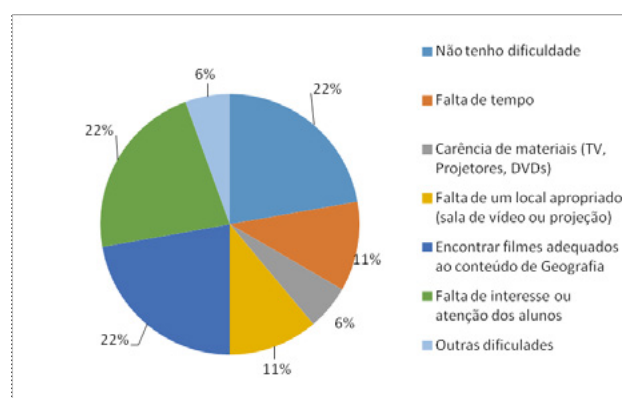


Figura 05. Gráfico correspondente à questão: “Você tem dificuldade(s) ao trabalhar com filmes m suas aulas? Quais?”  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Napolitano (2013) sugere que a falta de interesse dos alunos pode ocorrer por dois motivos: adequação à faixa etária ou etapa de aprendizagem escolar e a adequação do repertório ao aluno. Porém, quando o filme

em potencial for complexo ou longo demais o professor pode optar por trabalhar com fragmentos. Pode-se extrair uma ou mais cenas que realmente interessam para retratar o que se deseja transmitir. Dessa forma é possível trabalhar com os filmes sem que eles ocupem todo o tempo das aulas de Geografia e diminuindo a possibilidade de dispersão por parte dos estudantes. É importante ressaltar que os recursos didáticos, nesse caso a apropriação dos filmes, são ferramentas mediadoras e seu uso pode enriquecer as aulas, porém, os recursos por si só nunca serão capazes de suprir o processo de ensino-aprendizagem.

Levando em consideração que o educador é o profissional designado a administrar o processo ensino-aprendizagem, ele torna-se responsável pelos resultados que a metodologia escolhida terá em seus alunos. Por isso o professor precisa ter em mente qual o objetivo que ele deseja alcançar utilizando o filme para não cair no risco de que os alunos interpretem tal atividade como uma trivialidade vinculada ao lazer. Assim, perguntamos aos professores participantes da pesquisa, qual a função que eles atribuíam ao filme quando utilizados em suas aulas de Geografia (figura 6)

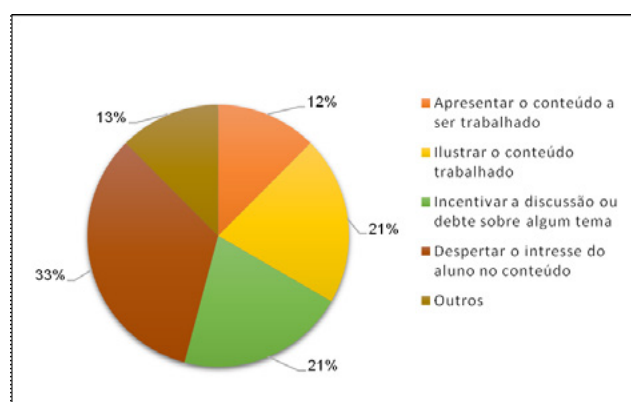


Figura 06. Gráfico correspondente a questão: “Ao se trabalhar com o cinema nas aulas de Geografia, qual a função que você atribui ao filme?”  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Entre os professores participantes da pesquisa a maioria respondeu que utiliza os filmes no sentido de despertar o interesse do aluno em relação ao conteúdo daquele momento. Já em segundo eixo de respostas surge a utilização dos filmes vinculada com as discussões sobre um tema relacionado ao filme e no sentido de ilustrar o conteúdo trabalhado e apresentar o conteúdo a ser trabalhado. Já a categoria ‘outros’ é composta pelas seguintes respostas:

Professor 4 - “Creio que o filme não pode apre-

sentar, mas auxiliar no desenvolvimento dos conteúdos”

Professor 9 - “Quando trabalho com recortes, desperta o interesse do aluno”

É evidente que as obras cinematográficas podem ser aliadas ao processo ensino-aprendizagem e servindo de recurso didático. Porém os profissionais da educação devem saber que o filme não pode ser usado de maneira indiscriminada, sem um planejamento pedagógico ou como um artifício de entretenimento no ambiente escolar. Modro (2006) também cita o exemplo do professor que, desejando ser inovador, abusa do uso dos filmes. “A novidade perde o sabor muito rápido caso seja utilizada em excesso, e principalmente se for sem critério” (MODRO, 2006, p.11).

Diante de todas as possibilidades de se trabalhar com as obras cinematográficas nas aulas, nós questionamos se os professores de Geografia do Ensino Fundamental II da cidade de Bandeirantes consideravam os filmes como uma ferramenta mediadora da construção do conhecimento geográfico. Os resultados estão expressos na figura 7.

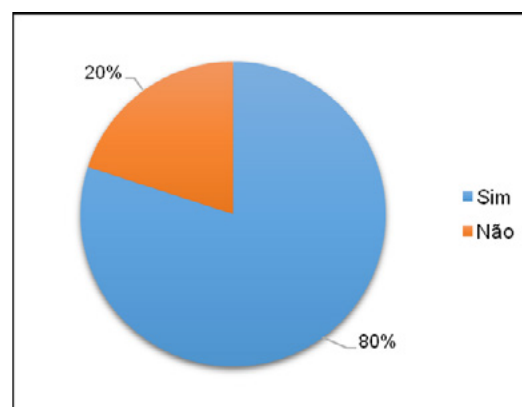


Figura 07. Gráfico correspondente a pergunta: “Você considera os filmes um recurso mediador para o ensino de Geografia?”  
Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

A maioria dos professores (08) acredita que sim e que os filmes podem ser um mediador interessante no ensino de Geografia e complementaram comentando:

Professor 1 - “Torna a aula mais prazerosa; permite discussão entre os alunos. Vejo também como uma fonte a mais de informações, dinamizando assim a aula”.

Professor 2 - “As vezes apenas com o fragmento de um filme de poucos minutos, o aluno entende um conceito que em aula expositiva o aluno não entenderia”.

Professor 3 - “Diversificação dos conteúdos”.

Professor 4 - “Porque mesmo sabendo



que o filme é uma produção artística e não didática, ele pode auxiliar na compreensão e discussão dos conteúdos trabalhados”.

Professor 5 - “É uma ferramenta que, se bem trabalhada, ilustra e desperta o aluno para um melhor debate e aprendizagem do conteúdo trabalhado”.

Professor 6 - “Tem que escolher bem o filme, não pode ser muito longo e com bastante movimento”.

Professor 7 - “Às vezes, depende do que for apresentado”.

Professor 8 - “Des de que haja interesse pelos alunos. Apresentar e discutir o conteúdo a ser trabalhado. Despertar interesse, incentivando-os a discussão ou debate sobre o assunto”.

Dos professores participantes, 02 responderam problematizando a utilização de filmes:

Professor 9 - “Para se trabalhar com filmes precisamos somente trabalhar com recortes, e não com o filme inteiro, pois torna a aula cansativa e sem interesse”

Professor 10 - “Pouco são os filmes que relacionam com a disciplina; a História sim tem privilégios no contexto”

Os resultados aqui evidenciados demonstram como os filmes constituem um recurso didático bastante utilizado pelos educadores da cidade de Bandeirantes, mas também, chama a atenção para a necessidade de levar em consideração o interesse dos alunos, a qualidade da obra, a possibilidade (às vezes necessidade) de se trabalhar com fragmentos e recortes e a relação com o conteúdo programado.

Grande parte desses professores relatara que já trabalharam ou costumam trabalhar com as obras cinematográficas. Isso não indica a inexistência de objeções sobre tal utilização. Alguns empecilhos e ressalvas foram destacados, como a falta de tempo e local apropriado para projeção; a dificuldade de encontrar roteiros relacionados ao conteúdo geográfico e o desinteresse de alguns alunos por determinados filmes.

A maioria dos educadores participantes acredita que os filmes são uma boa alternativa, principalmente para ilustrar e complementar o conteúdo e costumam usá-los, dentro do possível, em suas aulas. Eles ressaltaram também alguns critérios para trabalhar com as obras cinematográficas, como por exemplo, o tempo de projeção, a possibilidade de utilizar cenas e fragmentos e as preferências dos alunos; acrescentando um resultado positivo e satisfatório a essa pesquisa.

#### 4. CONCLUSÃO

Essa pesquisa foi realizada com os professores de Geografia do Ensino Fundamental II de escolas públicas da cidade de Bandeirantes e conseguiu abranger todos os colégios públicos da cidade. A partir de um questionário semiestruturado e posterior tabulação foi possível construir um perfil social desses professores e quais os principais recursos didáticos utilizados. Dentre estes recursos didáticos se destaca a utilização de filmes por todos os professores entrevistados e em relação a outros recursos surgem dois eixos principais: de um lado os mapas/cartografia e, de outro, o uso de imagens/figuras, as TIC's e livros.

Os filmes são utilizados pelos professores entrevistados, em maior parte, com a intenção de despertar o interesse dos alunos e assim poder iniciar uma discussão acerca do tema em questão. Destaca-se a preocupação dos professores com o conteúdo que está sendo trabalhado na disciplina, como que para não deixar a exibição solta e sem um motivo crítico que a organize. Por outro lado, os professores expõem três eixos de dificuldades em relação ao uso de filmes como recurso didático: a falta de interesse dos alunos, a dificuldade dos próprios professores em encontrar filmes adequados, a falta de preparação ou de tempo por parte dos professores em programar esse tipo de atividade e, por fim, as dificuldades técnicas da instituição de ensino em relação à disponibilidade de equipamentos e locais adequados para o desenvolvimento da atividade.

Os estabelecimentos de ensino que fizeram parte dessa pesquisa são vinculados à Secretaria Estadual de Educação do Governo do Estado do Paraná, que ao longo dos últimos anos atua sistematicamente na deterioração das instalações físicas das escolas, na precarização do trabalho e da vida dos profissionais da educação, e consequentemente na menor qualidade da educação no estado. Portanto os eixos de dificuldades apontadas pelos profissionais professores na cidade de Bandeirantes estão cortados por uma discussão mais ampla que está relacionada com a precarização da educação no Estado do Paraná e surge também no sentido de expor e denunciar tal situação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Milton J. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: Em Busca de Aproximações e do Inesperado. In CARLOS, A.F.A. (org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia e educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o Lugar para Compreender o Mundo. In CASTROGIOVANNI, Antonio. (org). **Ensino de Geografia: Prática e Textualização no Cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 7. Ed. p. 83 – 131.
- CASTROGIOVANNI, Antonio. **Ensino de Geografia: Prática e Textualização no Cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 7. Ed. 171p
- CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA. R. L. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- CORRÊA. R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013. 127p
- LOPES, Mario Cezar. Construindo uma Maquete par Fins Didáticos. In PIMENTEL, C. S. **Estágio Supervisionado Em Geografia III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2012. 102 p.
- MODRO, Nielson Ribeiro. **Cineducação2: Usando o cinema na sala de aula**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006. p.130.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013. 5. ed. p. 251.
- NETO, Francisco Otávio Landim. BARBOSA, Maria Edivani Silva. O Ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. In: **Geosaberes**, 2010. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/44/pdf10>>. Acesso em: 07 abr. 2014.
- OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: Um Retardo Desnecessário. In: CARLOS. A.F.A.(org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2011. 9.ed. p. 34 – 49.
- SANTOS, Franciely Ribeiro. Utilizando o Cinema no Ensino de Geografia. In PIMENTEL, C. S. **Estágio Supervisionado Em Geografia III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2012. 102 p
- SILVA, Joseli Maria; JUNCKES, Ivan Jairo. **Conhecimento Geográfico II**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD. 2009. 93p.
- SOUSA, Rosane Salache de. O Jornal Impresso como Apoio Pedagógico nas Aulas de Geografia. In: PIMENTEL, C. S. **Estágio Supervisionado em Geografia III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2012. 102 p.

---

#### Correspondência dos autores:

*Heder Rocha*

e-mail: emaildoheder@gmail.com

*João Carlos Montorani*

e-mail: jcmjoao@hotmail.com

*Marlene Chagas da Costa*

e-mail: 112421302@uepg.br

Artigo recebido em: 30/06/2016

Revisado pelos autores em: 16/01/2017

Aceito para publicação em: 03/02/2017